

“Moscou e outros lugares medonhos”: o relato de viagem de Graciliano Ramos

Alinnie Oliveira Andrade Santos*

Marlí Tereza Furtado*

Resumo: Durante meados da década de 1940 e início dos anos 1950, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) atuava em diversos segmentos sociais e tinha como seus membros muitos intelectuais e ativistas, dentre os quais figurava o escritor nordestino Graciliano Ramos. Por sua filiação ao PCB, esse autor viajou ao mundo socialista, deixando relatos sobre o que viu e vivenciou nesses percursos no livro *Viagem*, de 1954. O presente trabalho objetiva analisar o texto citado para examinar o registro que Graciliano elaborou sobre suas experiências no mundo socialista, como também refletir sobre as manifestações ideológicas presentes nessa obra. Investigar tal relato de viagem se faz necessário para melhor compreender o direcionamento ideológico da década de 1950 para a literatura brasileira e o papel de Graciliano Ramos neste contexto.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. *Viagem*. Política partidária e promoção de viagens à URSS. PCB. Manifestações ideológicas.

Introdução

Viajar ao mundo socialista nos anos 1950 era a realização de um sonho para qualquer membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), além de uma complementação de sua formação como militante. Assim, nesse período de intensa movimentação política e social no Brasil e no mundo, muitas viagens à União Soviética, e posteriormente à China, foram realizadas, tornando-se uma prática comum.

* Mestranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Federal do Pará.

Email: alinnieoliveira@yahoo.com.br.

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

156

Além disso, os viajantes sentiam a necessidade de escrever relatos sobre o que viram nesses países para divulgar aos demais brasileiros como era a vida em um país socialista, bem como propagar as ideologias desses países a todos os seus leitores. Assim, praticamente todo o militante que fazia esse tipo de viagem, escrevia sobre suas experiências, fato que muito agradava a União Soviética e a direção comunista no Brasil.

Obviamente, havia um interesse por parte dos países socialistas que os viajantes fossem intelectuais, pois, poderiam então, quando voltassem para sua terra, apresentar com mais facilidade o que vivenciaram, por meio de palestras, ou de contribuições para a imprensa comunista, ou mesmo publicando livros sobre as viagens. Dentre os intelectuais brasileiros que viajaram ao mundo socialista, figurava o escritor Graciliano Ramos (1892-1953).

O escritor nordestino realizou essa viagem em 1952, publicando o relato *Viagem* (1954) sobre suas impressões. Esse artigo, portanto, debruça-se na referida obra para analisar o registro que elaborou sobre suas experiências no mundo socialista, como também refletir sobre as manifestações ideológicas presente nesse texto.

Viagens ao Mundo Socialista: um sonho camarada

Após a vitória dos aliados na 2ª Guerra Mundial, evidenciando a participação soviética nesse triunfo, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) que há pouco fora legalizado¹,

¹ Fundado em março de 1922 por, na sua maioria, operários ativistas do movimento sindical, o PCB objetivava ser a organização política do proletariado. Meses depois, em Julho, é posto na clandestinidade, vivenciando, até 1945, raros momentos de legalidade. O período de 1945-1947 é o momento em que o Partido se estrutura e tem representantes nos pleitos eleitorais. Há de se salientar que desde a sua origem até o início dos anos 1960, o partido chamava-se Partido Comunista do Brasil (PCB). Como em 1962, um novo partido político foi criado com a designação anterior do PCB, optamos neste trabalho, por fazer uso do seu atual nome, Partido Comunista Brasileiro (SEGATTO, 1981).

“surgiu como a grande novidade da reestruturação partidária”, beneficiado pelo carisma do ‘Cavaleiro da Esperança’, Luis Carlos Prestes (MORAES, 1994, p. 132).

Em função desse prestígio adquirido, muitos intelectuais e ativistas se filiaram ao PCB, possibilitando que ele alcançasse maior visibilidade diante da opinião pública e no cenário político nacional. Segundo Dênis de Moraes (1994, p. 132-133), Yedo Fiúza, candidato à presidência pelo PCB, obteve quase 10% dos votos. Prestes foi eleito senador pelo DF, além de 14 deputados na Câmara, entre eles o escritor baiano Jorge Amado. Em 1947, o PCB elegeu 46 deputados estaduais em 15 estados e a maioria dos vereadores do DF, tornando-se, naquele momento, a quarta força política do País.

Apesar dessa conquista dos comunistas, sua notoriedade não durou muito tempo. Após o fim do Estado Novo, o general Eurico Gaspar Dutra, que sucedeu Getúlio Vargas na presidência do País, passou a perseguir os filiados e simpatizantes do PCB. Ainda em 1947, foi cassado o registro do PCB, levando-o novamente à ilegalidade. No ano seguinte, os deputados comunistas tiveram os seus mandatos cassados.

A partir de então, na tentativa de ainda se envolver na política nacional, o PCB se tornou cada vez mais sectário, defendendo a luta armada contra o governo vigente. Dessa forma, o Partido colocou em prática uma política partidária em todas as suas áreas de atuação.

Um exemplo disso foi a atuação do Partido junto aos sindicatos, pois aqueles subordinados ao governo foram atacados e outros foram organizados, os quais eram obrigados a realizar sucessivas greves. Essa postura, no entanto, segundo José Antonio Segatto (1981, p. 76), “terá efeitos bastante negativos para o PCB no meio sindical e no seio da classe operária, perdendo grande parte de sua influência.”.

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

157

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

158

Nos meios literários os líderes comunistas também incentivavam os autores militantes a que adotassem os moldes do Realismo Socialista². Em função da postura sectária do PCB, o escritor que se opusesse a escrever suas obras à luz de tal estética era violentamente criticado e provocado pelos demais militantes do Partido. Leandro Konder apresenta um exemplo da provocação feita, na época, à obra do poeta Carlos Drummond de Andrade:

A Carlos Drummond de Andrade, [Osvaldo] Peralva atribuía opinião favorável ao emprego da bomba atômica, simpatia pelos intelectuais nazistas e vocação de traidor, classificando-o como anticomunista raivoso, para quem a lealdade jamais constituiu uma pedra no meio do caminho. (KONDER, 1980, p. 85).

Na busca por outros meios de atuação política, o Partido voltou a promover a realização de viagens ao mundo socialista (SOTANA, 2006, p. 105), prática comum dos comunistas brasileiros durante as décadas de 1920 e 1930 e que foram interrompidas pela onda anticomunista que sobreveio ao Brasil durante o Estado Novo. Assim, somente em 1948, essa atividade foi retomada, a qual era considerada a concretização de um sonho para os comunistas, bem como um complemento para sua formação como militante.

Em 1948, os comunistas Jorge Amado e Zélia Gattai foram à URSS a convite da União dos Escritores Soviéticos. No início da década seguinte, Anita Prestes, filha de Luis Carlos Prestes, foi para Moscou, com o intuito de concluir seus estudos na capital russa e se proteger da repressão aos comunistas. Em 1952, uma comitiva de militantes comunistas foi assistir às

² O Realismo Socialista foi o estilo artístico oficial da URSS no período de 1930 e 1960, aproximadamente. Foi, na prática, uma política de Estado para a estética em todos os campos de aplicação da forma, incluindo todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas

festividades de 1º Maio na União Soviética, dentre os quais destacamos os escritores Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir, o senador Abel Chermont, o advogado Sinval Palmeira, o juiz Geraldo Irineu Joffily e o pianista Arnaldo Estrela.

Durante esse período, os viajantes estrangeiros que chegavam à URSS tinham sua permanência no país controlada pelos anfitriões, os quais se esforçavam para apresentar apenas os aspectos positivos da sociedade soviética, como também se responsabilizavam pela hospedagem e alimentação, e selecionavam quais lugares seriam visitados. Assim, os guias e intérpretes tinham um papel fundamental para que tal objetivo fosse alcançado, pois eles se empenhavam em fazer com que os turistas obtivessem informações dos locais que iriam frequentar apenas por meio deles.

Além dessa estratégia, duas instituições russas eram utilizadas com o intuito de organizar e controlar o roteiro de passeios e visitas dos estrangeiros: A *Sociedade Anônima de Turismo Estrangeiro* (Intourist) era responsável pela hospedagem, transporte e passeios dos turistas, assim como por divulgar seus serviços de turismo em toda a Europa; e a *Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros* (VOKS), que tinha a responsabilidade de manter relações culturais com os outros países, conforme podemos perceber na figura 1:

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

159

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

160

FIGURA 1 – Os comunistas brasileiros na reunião da VOKS (em pé, um dos líderes da VOKS, à esquerda, de óculos, o escritor paraense Dalcídio Jurandir)



Fonte: *Pará Zero Zero*. Belém, Ano 3. n. 6, 2008. p. 63.

Esses órgãos tinham como objetivo “propiciar um maior conforto aos viajantes com um organizado serviço de recepção dos turistas estrangeiros, muito provavelmente visavam submeter o visitante a uma espécie de controle estatal, direcionando, muitas vezes, as visitas empreendidas pelos turistas estrangeiros” (SOTANA, 2006, p. 143).

É interessante ressaltar que, nesse momento, o Brasil estava sendo novamente governado por Getúlio Vargas, o qual tinha a oposição declarada do PCB. Vargas, então, restringia a liberdade de atuação do Partido, fato que comprometia também a realização de viagens a União Soviética. Edvaldo Sotana apresenta duas estratégias utilizadas pelos comunistas para efetivarem suas viagens apesar da repressão do governo brasileiro:

A situação repressiva vigente no Brasil impunha que os comunistas e simpatizantes embarcassem para uma capital européia, ingressassem em Praga ou outra cidade das chamadas Democracias Populares, para somente nesta fase da viagem obterem a necessária liberação de entrada em terras soviéticas.

Outra estratégia muito utilizada com vista a segurança dos viajantes brasileiros no período repressivo era a inexistência de vistos de entrada e saída em território soviético nos passaportes dos viajantes. (SOTANA, 2006, p. 111).

Em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek à Presidência, que foi apoiada pelo PCB, o Partido, apesar de não se tornar legalizado no governo JK, pôde exercer suas atividades livremente, sem a interferência do presidente. Dessa forma, muitos brasileiros visitaram a URSS durante esse período, tais como Mário Lago, em 1957, Luis Carlos Prestes, por diversas vezes, Eneida de Moraes, em 1959, Caio Prado Junior, em 1960 e Elias Chaves Neto, em 1962.

Nesse momento, a União Soviética passou a receber ainda mais visitas de turistas do mundo inteiro, até mesmo norte-americanos, que buscavam saciar sua curiosidade sobre esse país, situação que movimentava os cofres soviéticos, trazendo lucro para a URSS. No entanto, após o relatório anti-Stalin de Krushev, o itinerário dos viajantes foi modificado, e a China começou a ser visitada por comunistas brasileiros: “o início das viagens à China pode ser justificado pela curiosidade dos viajantes, pela descrença na União Soviética, após o relatório de Krushev, e pelo rompimento de militantes com o PCB.” (SOTANA, 2006, p. 121). Como exemplos dessas viagens à China, citamos a viagem do líder comunista Luis Carlos Prestes e da escritora paraense Eneida de Moraes, ambos em 1959.

Porem, até o início da década de 1960, a União Soviética ainda era visitada por filiados ao PCB. O próprio Partido era responsável por organizar essas viagens, o qual tinha por objetivo “encantar as pessoas com as realizações que eram apresentadas como fruto do regime soviético. Esse mecanismo poderia possibilitar novas adesões ao PCB no retorno ao Brasil ou apenas levar os viajantes a divulgarem impressões positivas sobre a União Soviética” (SOTANA, 2006, p. 124).

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

161

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

162

Segundo os relatos de alguns desses viajantes, quando voltavam do mundo socialista, sentiam a necessidade de escrever sobre as suas experiências nesse lugar, já que era desconhecido da maioria das pessoas, até mesmo dos demais militantes comunistas. Até esse momento, além dos relatos publicados na década de 1930, havia poucas publicações sobre a União Soviética, o que motivou ainda mais a escrita de relatos sobre essas viagens.

Todavia, algumas dificuldades tiveram que ser superadas para que tais livros chegassem às mãos dos leitores. A primeira delas era a repressão anticomunista, que limitava qualquer tipo de movimentação dos filiados ao PCB. Além disso, outro impedimento era a falta de editoras que publicassem esses relatos, a qual foi suprida com a ação da Editorial Vitória e das Edições Horizonte, que, pertencentes ao Partido, publicavam trabalhos produzidos por militantes comunistas, traduções de textos marxistas, e também passaram a publicar os relatos de viagens à União Soviética.

Além desses problemas externos, o próprio PCB dificultava a publicação de alguns desses relatos que lançavam críticas a aspectos do governo ou da sociedade soviética, censurando essas obras, principalmente depois da adoção das orientações de Andrei Jdanov sobre a elaboração dos textos literários aos moldes do Realismo Socialista, estética oficial da União Soviética, a qual se estendeu a vários países por meio de seus partidos comunistas, servindo como instrumento de exaltação e divulgação do governo socialista.

Dentre os livros sobre as viagens escritos nessa época, podemos destacar *O Mundo da Paz*, de Jorge Amado (1951); *Viagem à União Soviética*, de Branca Fialho (1952); *Moscou, Ida e Volta*, de Edmar Morél (1952); *Operários Paulistas na União Soviética: Notas e Impressões de uma Viagem de Membros da Delegação de 15 Trabalhadores Brasileiros Convidados pelo*

Conselho Sindical da URSS para a Participação das Celebrações do 1º de Maio de 1952 em Moscou, de Constantino Stoiano e outros autores (1952); *Viagem*, de Graciliano Ramos (1954); *Moscou, Varsóvia e Berlim*, de José Guilherme Mendes (1956); *Cortina de Ferro*, de Marques Rebello (1956); *Zamir: uma viagem ao mundo da paz*, de Afonso Schmidt (1956); *Caminhos da Terra*, de Eneida de Moraes (1959); *A Grande Advertência*, de João Pinheiro Neto (1961); *URSS – O Mundo do Socialismo*, de Caio Prado Júnior (1967) e *As Muralhas de Jericó*, de Josué Guimarães (escrito nos anos 1950 e somente publicado em 2001).

Dessa forma, podemos perceber que a viagem de Graciliano Ramos, na década de 1950, e seu relato de viagem não foram fatos isolados. Na verdade, era uma prática comum entre os militantes comunistas, que servia como um instrumento de divulgação da União Soviética entre os brasileiros.

Viagem, o relato de Graciliano Ramos

Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, em 1892 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1953. É um dos maiores nomes da ficção regionalista das décadas de 1930 e 1940. Em suas obras, *Caetés* (1933); *São Bernardo* (1934); *Angústia* (1936); *Vidas Secas* (1938); *Histórias de Alexandre* (1944), *Infância* (1945); *Dois Dedos* (1945); *Histórias Incompletas* (1946); *Insônia* (1947); *Histórias Verdadeiras* (1951) há uma tensão crítica, segundo o uso que Alfredo Bosi (2007, p. 392) faz do esquema de Lucien Goldman, no qual “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal estar permanente”. Nos livros, ainda segundo Bosi, não há a composição de um ciclo fechado sobre o eu ou o mundo, “mas uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema” (BOSI, 2007, p. 402).

“Moscou e outros lugares medonhos”: o relato de viagem de Graciliano Ramos

163

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

164

Em 1936, Graciliano foi preso como subversivo e somente foi liberado no ano seguinte. O livro *Memórias do Cárcere* (1953), no qual há “o trânsito da ficção ao nítido corte biográfico” (Idem, p. 402), é o testemunho do escritor sobre o que lhe ocorreu nessa prisão. Em 1945, tornou-se membro do PCB, num momento em que, como já mencionamos, o Partido estava na legalidade e se pensava que o socialismo seria capaz de transformar o mundo pós-guerra num lugar em que todos seriam iguais, o que compactuava com a idéia de que os artistas deviam tecer, em suas obras, reflexões sobre as questões populares. Aliado a isso, a União Soviética impusera o Realismo Socialista como padrão estético que deveria ser seguido por todos os artistas militantes comunistas, resultando em “obras panfletárias, de valor bastante discutível”.

Graciliano Ramos, no entanto, não aceitou escrever suas obras aos moldes de tal “camisa de força” ideológica, apesar de ser membro do PCB. Segundo Moraes

Graciliano jamais disfarçou o desprezo pela literatura de agitação e propaganda. Não aceitava o dirigismo sobre o trabalho autoral, nem tolerava que os escritores e artistas se reduzissem a meros porta-vozes de grupos de pressão. Em 1935, escreveu ao crítico mineiro Osmar Mendes: “Acho que transformar a literatura em cartaz, em instrumento de propaganda política, é horrível. Li umas novelas russas e, francamente não gostei” (MORAES, 2007, p. 210).

Foi nessas circunstâncias que surgiu o convite para que o escritor nordestino, então presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) viajasse a União Soviética, em 1952, para assistir, como já mencionamos aos festejos de 1º de Maio, em Moscou, chefiando a comitiva brasileira de intelectuais e operários filiados ao PCB. Os dirigentes comunistas nunca conseguiram convencê-lo a mudar de opinião em relação ao Realismo Socialista e, temendo perder sua filiação ao Partido,

por ser um dos seus mais importantes membros, o convite para essa viagem foi uma espécie de compensação para Graciliano Ramos.

Na obra *Viagem*, a qual conforme Antonio Candido (2006) está inacabada, seu autor descreve alguns dos lugares que visitou tais como: a cidade de Praga e seus castelos do período da Idade Média – uma viagem entre o passado e o presente para ele –, e seu teatro Bolshoi, a cidade de Moscou, na qual viu as festividades de 1º de Maio e o túmulo de Lenin, além da Geórgia, república que fazia parte da União Soviética, na qual visitou fábricas, palácios, uma escola, a casa em que os revolucionários soviéticos fizeram uma tipografia clandestina, casa de repouso dos trabalhadores da indústria do chá, um sanatório, a casa que Stalin morou na infância, a cidade de Tblissi, Instituto Marx-Engels, entre outros lugares, como podemos ver na figura 2:

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

165

FIGURA 2 – Os militantes do PCB em visita a uma escola na União Soviética (ao centro, ambos de óculos, os escritores Dalcídio Jurandir e Graciliano Ramos)



Fonte: *Pará Zero Zero*. Belém, v. 3. n. 6, 2008, p. 60.

Esse relato reforça a ideia, que expusemos anteriormente, de que os soviéticos controlavam o itinerário dos passeios nas viagens, pois o escritor nordestino assim descreve seus guias e intérpretes, que o acompanhavam incansavelmente: “barbantes

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

166

invisíveis nos amarravam pernas e braços, e as amabilidades excessivas começavam a pesar-me; aceitá-las parecia-me às vezes obrigação penosa.” (RAMOS, 2007, p. 76).

Durante a viagem apenas duas professoras e o presidente da União dos Escritores Georgianos perguntaram a ele se escreveria algo sobre o que visitou. Apesar de que isso não lhe tenha sido exigido, resolveu relatar as suas recordações para poder “voltar à normalidade”. Logo no primeiro dos 34 capítulos, o escritor apresenta qual é o seu objetivo ao escrever essas memórias:

Sinto-me no dever de narrar a possíveis leitores o que vi além dessas portas, **sem pretender de nenhum modo cantar loas a União Soviética**. Pretendo ser objetivo, **não derramar-me em elogios**, não insinuar que, em trinta e cinco anos, a revolução de outubro haja criado um paraíso, com as melhores navalhas de barba, as melhores fechaduras e o melhor mataborrão. [...] tenho o intuito de não revelar-me parcial em demasia. (RAMOS, 2007, p. 11, grifo nosso).

Sendo assim, a intenção dele era narrar o que viu de maneira imparcial, sem se deixar ser levado pela emoção de realizar um sonho de conhecer a pátria que era regida pelo sistema socialista. Nas primeiras linhas do seu relato, Graciliano Ramos logo apresenta qual será o mote das suas impressões: chama Moscou e os demais lugares que conheceu de “lugares medonhos” e a viagem “de aventura singular” e “absurda” (RAMOS, 2007, p. 7).

Durante a viagem, apesar de Graciliano Ramos ter o cargo de Presidente da ABDE, fez poucos discursos, ouvindo muito mais do que falando, o que, na opinião de Ricardo Ramos, fez com que ele parecesse apenas um “chefe de delegação decorativo” (SOTANA, 2006, p. 128). Tanto foi assim que o escritor nordestino comenta em seu relato de viagem que nem se lembrava do seu cargo e achava que este não lhe iria beneficiar em coisa alguma durante sua permanência nas terras soviéticas.

Dessa forma, durante todo o relato, Graciliano Ramos,

mantém um tom de crítica diante de tudo o que vê e com o que não se agrada, como por exemplo, a forte presença de policiamento, especialmente no trânsito:

Rigorosamente proibido ir de uma calçada a outra fora delas [faixas brancas]. Minha amiga Vlasta, esquecendo esse dever, foi multada e obrigaram-na a um curso onde a gente aprende a andar na via pública. Um brasileiro, indiferente aos sinais, ia tendo a mesma sorte. O guia quis salvá-lo explicando que o homem não conhecia os hábitos da terra.

– Nesse caso o senhor paga a multa, concedeu o guarda. Multa em dobro, porque arriscou a vida de um cidadão estrangeiro. (RAMOS, 2007, p. 27).

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

167

Outro aspecto que mereceu a desaprovação do escritor foi a segregação aos operários que viajaram com a delegação brasileira que foram hospedados em hotel diferente daquele dos intelectuais: “Fomos deixar as nossas bagagens no hotel Savoy, onde não descobri nenhum dos operários vindos conosco de Praga: hóspedes dos sindicatos, afastavam-se de nós” (RAMOS, 2007, p. 32).

Além disso, o escritor descreveu em seu relato, que durante a viagem não poupou perguntas permeadas de críticas, como a que fez sobre a existência de indenização aos proprietários ricos que tiveram suas terras confiscadas; ou indiscretas, perguntando à diretora da escola georgiana se consideravam o russo uma língua estrangeira; ou ainda comentários indelicados como o que, diante de vários membros da União dos Escritores Georgianos, acerca da poesia georgiana, da qual disse nada entender. Com esse comentário, Ramos ganhou o adjetivo de *espinhoso* do presidente dessa Instituição (Idem, p. 174-176). Graciliano Ramos também não gostou da peregrinação ao túmulo de Lenin, achando exagerada a quantidade de pessoas que, três vezes por semana, colocavam-se em fila para visitar o corpo do revolucionário: “É uma procissão a que os moscovitas se

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

168

habituarão, como se cumprissem um dever. Estranhamos não se haverem cansado, repetir-se há mais de vinte anos a marcha regular, monótona” (RAMOS, 2007, p. 69).

No entanto, não foram apenas censuras que o texto de Graciliano relatou, alguns hábitos chamaram a sua atenção positivamente. Ele ficou muito impressionado, por exemplo, com o horário de um dos desfiles de 1º de Maio, que começou às 10 horas e terminou pontualmente às 11 horas, além de ficar surpreso com a informação que lhe deram no sanatório: 99% das pessoas que se tratavam ali obtinham melhoras.

Quando fala de Stalin, líder da União Soviética naquele período, defende-o dos ataques que os ocidentais lhe faziam, até mesmo de um dos companheiros daquela viagem que disse a respeito do estadista que “a demonstração de solidariedade irrestrita não impressionava bem ao exterior”, declaração considerada “leviana e absurda” (RAMOS, 2007, p. 53) por Graciliano. Na visão do escritor brasileiro, Stalin era um

Estadista que passou a vida a trabalhar para o povo, nunca o enganou. Não poderia enganá-lo. Esforçou-se por vencer o explorador, viu-o morto – e seria idiota supor que, alcançada a vitória, desejasse a ressurreição dele. É, desde a juventude, um defensor da classe trabalhadora. Esta expressão, razoável há trinta e cinco anos, tornou-se desarrazoada, pois aqui já não existem classes. (RAMOS, 2007, p. 54).

Essa postura de defesa ao culto de Stalin e de aprovação das suas medidas políticas é compreensível, visto que o relatório anti-Stalin de Kruschchev, sucessor deste na liderança no governo da União Soviética, ainda não havia sido apresentado ao público, mostrando as atrocidades do estadista. Sendo assim, ainda era comum demonstração de reverência para com o stalinismo, como fez Graciliano Ramos em seu relato.

Ao entrar em contato com as pessoas, as escolas, os

hospitais, os sanatórios, a educação, a sede da União dos Escritores Georgianos e das práticas de leitura soviéticos, o escritor nordestino, ora com ironia, ora com tristeza, compara-as com o que havia no Brasil, e conseguiu somente encontrar inúmeras diferenças entre esses dois mundos:

Trezentas e cinquenta mil bibliotecas do Estado, com setecentos milhões de volumes. As dos sindicatos são doze mil, e há nelas sessenta milhões de livros. Para que tanta letra? Afinal essa fartura de impressos torna-se monótona, tem aparência de mania. Abafamos. Não acharemos neste país um analfabeto? Saudades da nossa terra simples onde os analfabetos engordam, proliferam, sobem, mandam, na graça de Deus. (RAMOS, 2007, p. 99).

Quando estávamos na Abkhasia, alguns sócios da União dos Escritores Georgianos tinham ido ao hotel procurar-nos. Fomo pagar a visita. E tive a surpresa de ser recebido num palácio. Não pude fugir a uma comparação desagradável com à minha terra. Lembrei-me da sede mesquinha da Associação Brasileira dos Escritores. É uma saleta num décimo primeiro andar [...]. A diferença entre a nossa penúria e o que nos exibiram aqui chocou-me. (RAMOS, 2007, p. 171).

A diferença entre esses dois países é considerada também por Graciliano Ramos ao se referir à temática de suas próprias obras, as quais ele chama de “narrativas de um mundo morto”, com personagens que se comportam como “duendes” e que retratavam problemas brasileiros que não existiam mais na União Soviética. Dessa forma, na sua visão, era impossível que seus livros fossem traduzidos para o russo, pois naquela sociedade alegre, “de confiança ilimitada em si mesma”, não haveria espaço para tais textos: “Necessário conformar-me: não me havia sido possível trabalhar de maneira diferente: vivendo em sepulturas, ocupara-me em relatar cadáveres” (RAMOS, 2007, p. 49).

A única semelhança que conseguiu encontrar entre a sua pátria e a que visitava foi a presença de uma planta brasileira comum na caatinga nordestina, o quipá (*Opuntia Inamoena*), entre as plantas soviéticas, desconhecidas para ele. Essa planta foi

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

169

talvez o único ser com o qual se identificou, pois alegava que para entender os soviéticos necessitava possuir a alma russa, o que não tinha:

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

De repente uma surpresa me embasbacou: entre caules estranhos, folhas esquisitas, surgiu-me um pé de quipá. [...] o pé de quipá brasileiro como eu, nascera no sertão, viera acomodar-se no ambiente impróprio. E isolava-se, nem um companheiro. [...] Como diabo tinha vindo ali ganhar raízes aquele pé de quipá? (RAMOS, 2007, p. 145-146).

*Marli Tereza
Furtado*

170

Apesar das críticas a certos aspectos da vida soviética, Graciliano Ramos, como militante de um partido comunista descreve em tom de reprovação o que vê de indícios de capitalismo ainda existentes naquela sociedade:

Sujeitos bem-vestidos, arredios mulheres elegantes, criaturas ali bem visíveis, a alguns metros, e afastadas, afastadas em excesso dos operários, dos artistas, das pessoas que iam a Moscou, voltavam de Moscou. Eram restos da classe velha, tipos que já não podiam ter escravos e se arruinavam em loucura furiosa, agarrados a prostitutas. [...] E irritava-me a dança dos capitalistas e das prostitutas agarrados no fim da sala, idas e vindas, sobretudo expansões na língua encrocada. (RAMOS, 2007, p. 16-17, 28).

De acordo com Moraes (2007), apesar de esse relato ser construído na dicotomia entre apologia e recusa ao que viu na União Soviética, tal divisão não é o mais importante na obra, já que o escritor nordestino nunca pôs em dúvida sua adesão ao socialismo e à estima que tinha pelo país soviético. Isso pode ser percebido nas declarações elogiosas que dedicou ao sistema socialista em seu relato: “É com tais esforços que o socialismo avança rápido na Tchecoslováquia. A burguesia, em desespero, dança lá no fundo, agarrada às prostitutas” (RAMOS, 2007, p. 29).

Ainda segundo Moraes (2007, p. 212), esse livro de viagens “evidencia a rara habilidade de Graciliano para driblar

tentações e precipícios. Apesar das impressões favoráveis sobre educação, saúde, cultura e assistência a crianças e idosos, não freia observações críticas ao cotidiano moscovita”.

Outra razão que pode ter contribuído para a falta de elogios por parte de Graciliano Ramos a União Soviética, além do seu desgosto com o Partido por causa da tentativa de imposição do Realismo Socialista, é o seu estilo. Como descrita por Bosi, a escrita de Graciliano caracteriza-se por “poupança verbal; a preferência dada aos nomes de coisas e, em consequência, o parco uso do adjetivo; a sintaxe clássica, em oposição ao à vontade gramatical dos modernistas e, mesmo, dos outros prosadores do Nordeste” (BOSI, 2007, p. 404). Tal estilo também se fez presente no relato de viagem do escritor.

No término do livro, após os capítulos em que relata suas memórias, há a reprodução das anotações que o autor fez no decorrer da viagem e que serviram como flashes de memória para a versão final da obra criada por ele:

As notas compõem um roteiro em estado bruto, inacabado, uma espécie de suporte de cálculo para a engenharia narrativa posterior. Graciliano apóia-se nessas vigas de sustentação para modelar as estruturas da obra, harmonizando os dados empíricos, colhidos no calor da hora, com a interpretação sensível. Trata-se da combinação singular de diário cronológico com comentários e diálogos pontuais, extravasados para o papel na busca do esclarecimento de situações. (MORAES, 2007, p. 215).

Previsivelmente, o livro desagradou ao PCB, por não atender as suas expectativas de exaltação desmedida da pátria soviética como muitos dos viajantes brasileiros fizeram em seus relatos. No entanto, o escritor nordestino não estava se posicionando contra o regime socialista. Para ele, assim como para os demais membros do Partido que viajavam para além da cortina de ferro, fazer essa viagem era a realização do sonho de um militante: “Pena que os espíritos sectários não estivessem na

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

171

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

172

redação do Correio da Manhã, onde Graciliano trabalhava toda noite como redator, para vê-lo, orgulhosamente, presentear os mais chegados com canetas fabricadas pela nova indústria russa” (MORAES, 2007, p. 218).

Mesmo sendo uma publicação póstuma, um ano após sua morte, os dirigentes comunistas, apesar de irem a sua casa para ler os originais, não tiveram acesso à obra, sendo publicada sem nenhuma influência ou intervenção do Partido, chegando aos leitores da atualidade “como um retrato sem manchas de facetas de uma época de paixões exacerbadas e alinhamentos automáticos, de qualquer modo permeável a expectativas de um futuro transformador e centrado no humanismo” (MORAES, 2007, p. 218).

Assim, mesmo em seu livro de memórias, Graciliano Ramos manteve-se fiel a seu propósito literário e não se deixou “corromper” pelas “paixões exacerbadas” desse período, sendo fiel apenas as suas próprias convicções sobre o fazer literário.

Considerações Finais

Influenciado pela Guerra Fria, confronto de âmbito mundial, o Brasil da década de 1950 foi marcado por um clima de desenvolvimento socioeconômico e cultural, bem como de uma esperança depositada na política como capaz de solucionar os problemas que afligiam o País. Nesse momento, apesar de o PCB ter perdido parte da força política que possuiu no período imediato ao fim da Segunda Guerra e voltado à ilegalidade, ainda tentava agir no cenário político nacional.

Sendo assim, os anos de 1950 foram favoráveis para que intelectuais, como o escritor nordestino Graciliano Ramos membro do PCB, realizasse tal viagens ao mundo socialista, além de escrever e publicar um relato em que se descreve as experiências ocorridas e vivenciadas durante a viagem. Muitos dos relatos

escritos nessa década representam a forma como o mundo socialista era visto pelos intelectuais que tinham filiação com o PCB, pois entre as descrições que faziam dos locais visitados, exaltavam o socialismo e as políticas públicas organizadas pelo governo, bem como faziam críticas ao capitalismo.

No entanto, não é o que ocorre em *Viagem*, pois essa obra destoa do tom de exaltação presente na maioria dos relatos dessa época. Acreditamos que essa diferença ocorra, em parte pelo seu estilo de “poupança verbal” como afirma Bosi, mas sobretudo, também pelo clima tenso que existia naquele momento entre o escritor e o PCB, por causa de Graciliano não aceitar a imposição do Realismo Socialista nos textos literários. Então, possivelmente, por causa disso, seu texto apresente críticas a aspectos de que discordava do cotidiano daqueles regidos pelo socialismo.

Graciliano Ramos não tinha a intenção de deixar a militância no PCB. Ele acreditava que o socialismo era a melhor solução para os problemas brasileiros. Porém, ele não concordava com os rumos que a direção do Partido dava para algumas questões, sobretudo no que se referia à arte e à literatura. É provável, então, que o escritor nordestino quisesse provocar os dirigentes comunistas apresentando um relato sobre o mundo socialista permeado de inúmeras críticas a organização social dos países visitados.

Dessa forma, esse texto é um retrato, não da época ou dos países socialistas, mas do posicionamento ideológico e estético que influenciou grandemente o pensamento e a escrita de seu autor.

*“Moscou e outros lugares medonhos”:
o relato de viagem de Graciliano Ramos*

173

“Moscow and elsewhere ghastly”: Graciliano Ramos’ travel account

*Alinnie
Oliveira
Andrade
Santos*

*Marli Tereza
Furtado*

174

Abstract: During the mid-1940’s and early 1950’s, Brazilian Communist Party (PCB) was active in various social areas and had many activists and intellectuals as members, among whom figured the northeastern writer Graciliano Ramos. Due to his membership to PCB, the author traveled around the socialist world, and wrote reports of what he saw and experienced there in the book *Viagem*, published in 1954. This paper analyzes this work in order to examine the record that Graciliano elaborated on his experiences in the socialist world, and also to think about the ideological manifestations present in it. To investigate this travel account it is important to understand the ideological direction of the 1950’s in the Brazilian literature and the role of Graciliano Ramos in this context.

Keywords: Graciliano Ramos. Travel account. Partisan policy and the promotion of travels to the URSS. PCB. Ideological manifestations.

Referências

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

KONDER, Leandro. *A Democracia e os Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Viagem*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Pará Zero Zero. Belém, v. 3, n. 6, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Viagem*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*. São Paulo: LECH, 1981.

SOTANA, Edvaldo. *Relatos de viagens à URSS em Tempos de Guerra Fria: uma Prática de Militantes Comunistas Brasileiros*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.